

Tomé Correia

De antiquitate dignitateque poesis et poetarum differentia

(1586): Tradução e Edição do Texto Latino

Tradução de Rui Verdasca*

No presente artigo, apresenta-se a primeira tradução portuguesa, seguida da edição do texto latino, do *De antiquitate dignitateque poesis et poetarum differentia* (1586), de Tomé Correia (Coimbra, 1536-1595, Bolonha). A *oratio* do humanista português revela-se de particular interesse para as teorias poéticas neolatinas e as relações que estabelecem com a filosofia do Renascimento, sobretudo no que diz respeito ao neoplatonismo e à conciliação humanista entre fé cristã e literatura pagã. Destas correntes cumpre destacar que o *De doctrina christiana* de Santo Agostinho será fonte e alimento.

* Doutorando em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra.

Civitas Augustiniana, 13 (2025) pp. 243-279

ISSNe: 2182-7141

<https://doi.org/10.21747/civitas/13a11>

DO EXCELENTÍSSIMO E ERUDITÍSSIMO DOUTOR PORTUGUÊS TOMÉ CORREIA, ILUSTRÍSSIMO PROFESSOR DO NOTÁVEL COLÉGIO DA SAPIENZA ROMANA, A ORAÇÃO NESSE LOCAL PROFERIDA ACERCA DA ANTIGUIDADE E DA DIGNIDADE DA POESIA E DA DIFERENÇA ENTRE OS POETAS.

Ao Reverendíssimo Padre Frei Luís de São Francisco, Português de Lisboa, da Ordem dos Frades Menores da Província de São Tiago da Observância Regular.

Devotadíssimo Padre, solicitas, e como que por direito o exiges, o que com razão afirmas ser-te devido. Quando, no terceiro dia de Novembro, expus aos meus ouvintes do Colégio Romano o que pensava acerca dos tipos de poesia, apressaste-te para vir prestar homenagem a um homem de que apenas conhecias o nome, mais por feliz acaso meu que por ser do teu interesse. Assististe a um rude e infacundo discurso e, de seguida, proferiste uma prelecção para demonstrares a tua generosidade. Pediste-me depois que te entregasse o mesmo por escrito. Adiei o máximo que pude, esquivando-me tanto quanto a minha modéstia permitiu, ou a tua autoridade tolerou. Agora, por tratares comigo como se tivéssemos selado um contrato, vejo que é forçoso cumprir o prometido, se não quero fugir ao dever.

No entanto, meu Padre, não julgues estas palavras segundo as leis da antiga eloquência, não esquecendo de onde procedem. É que – tenho de confessar a contragosto –, apesar de me esforçar com zelo apaixonado e ardente desejo por alcançar a eloquência, sou dos que mal se conseguem insinuar nos registros da cidade de Roma e fazer com que o seu nome seja sussurrado. Por isso, se avaliares este assunto com base no meu estilo inferior e débil, cometerás uma injustiça para com esta tão notável arte, examinando-a mais pelo discurso do orador que pela sua própria dignidade. Ainda assim, rastejarei até aos teus ouvidos e, para não parecer afastar a modéstia, serei inteiramente ousado, como um porco a ensinar Minerva. Mas és tu que assim mo pedes. Como poderei recusar-to a ti, que mo solicitas, aliás insistes, invocando os pactos da amizade? Recuperarei então as mesmas palavras com que dissertei acerca da poesia, mais por desejo de te satisfazer do que por achar conseguir expor algo novo, ou inaudito, ou digno da tua vasta e abundante erudição.

A poesia é maior em dignidade do que geralmente se pensa; em nobreza é igual e equiparável a todas as artes ou, se raciocinarmos corretamente, abrange por direito próprio a excelência de todas as artes. Com efeito, a poesia foi a primeira e mais antiga filosofia, pois aqueles a quem reconhecemos terem escutado a voz de Deus, revelando o que estava oculto e escondido por inspiração divina, também se dedicaram ao estudo da poesia.

Antiguidade da poesia.

Ela apreende de tal maneira o que está além da compreensão do vulgo que, através de véus e alegorias, eleva a alma humana das preocupações mundanas aos nobres costumes, à verdadeira religião, à perfeita doutrina, à sabedoria divina. Ensina-nos a expressar os pensamentos através do ritmo e uma vez que o ritmo reflecte a ordem, e dado que a ordem promana de um só Deus, todos os Antigos pensavam que a poesia tinha sido concedida aos homens por Deus. A verdade é que a designação *poeta* não se quadra com aqueles que, tagarelando inoportuna e fastidiosamente, ensurdecem as pessoas com a declamação de versos claudicantes, julgando que a excelência da poesia reside na quantidade de versos ou na facilidade de os compor. Tal é a ignorância destes homens que julgam brilhante o que é comum e banal, menosprezando por sua vez o excelente e grandioso. Por medirem os esforços de outrem com o próprio talento, supõem que o obscuro, o oculto e o intransponível são iguais para todos. Julgam que os outros desconhecem o que eles próprios não conseguem perceber ou compreender.

O divino Platão apodou os poetas de ἐρμηνέας e ὑπηρέτας, o mesmo é dizer, de intérpretes e ministros dos deuses, pois aqueles segredos e mistérios, envolvidos por alegorias e anunciados aos homens pelos poetas, não eram nada mais que oráculos de salvação. Se recuarmos aos primórdios da Antiguidade, devemos reconhecer que toda a filosofia antiga deriva de Orfeu, Tales de Mileto, Xenófanes, Parménides, Periandro, Pítaco, Cleobulo, Focílides, Pitágoras, Mimnermo, entre outros antigos poetas. Para não

banalizarem um assunto superior e excelente, estes autores ocultaram-no e velaram-no através dos artifícios secretos das fábulas, para que, sob essa forma e aparência, verdades extraordinárias pudessem permanecer latentes, as quais, depois de removidas as ficções, orientariam os homens para todo o tipo de virtudes. De facto, aqueles que na Antiguidade eram tidos por muito sábios não foram tão insensatos a ponto de acreditar na existência das Sirenas, das Harpias, da Hidra, do Porco de Erimanto, do Leão de Nemeia e de outras figuras do género. Estas apenas pretendiam demonstrar que o prazer das seduções distrai os homens, que todos os vícios corrompem, que o hábito de pecar facilmente se alastra e que a natureza humana se inclina para todo o tipo de devassidão. Mas entraria agora num vastíssimo campo, em que este discurso poderia vaguear e exceder-se, dificilmente encontrando saída, se agora quisesse tentar definir os fins dos poetas, desvelar os seus mistérios ou descortinar tudo aquilo que oculta.

Tocarei, no entanto, ao de leve nos tipos de poesia, para que os devotos da arte poética possam compreender como dedicar-se a esta nobre disciplina. Esta matéria será haurida das profundas fontes de Platão e Proclo, esperando que seja digna dos ouvidos dos sábios e, além disso, útil e agradável a todos vós.

Tipos de poesia.

Tríplice é a vida da alma humana, que habita um corpo lento e vagaroso.

A tríplice vida.

Há uma primeira e suprema vida, outra última e ínfima, entre as quais se situa uma média. A primeira é inteiramente celeste e divina, a última é comum aos homens e aos animais, a média é humana, isto é, específica dos homens, por não se poder associar aos animais.

A primeira vida da alma é a mais excelente de todas, porque, abstraída das sensações corporais e das restantes faculdades inferiores, removida até da compreensão, do juízo e da prudência dos homens, entra em comunhão com Deus e vive próxima do conhecimento Dele; e devido à sua absoluta semelhança, é inteiramente governada, ordenada e formada pela ordem e vontade divinas. Assim, parece que já não vive em si, mas que Deus vive nela própria. Lembrai-vos daquele versículo de São Paulo: «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim»^a. Por certo ele alcançou este modo supremo de vida, nada retendo de si e nada nele sendo visível a não ser o espírito divino. Aqueles que vivem deste modo já não são senhores do seu corpo, antes subjugam-se e oferecem-se à divina potestade. E o que fazem deixa de ser feito por eles, mas por Deus através deles, cuja vontade seguem como guia. Cristo Ótimo Máximo parece ter distintamente declarado e revelado a natureza desta vida distinta e superior a São Pedro^b quando lhe disse que na sua juventude, ele mesmo se arranjava e ia para onde queria, mas quando envelhecesse, estenderia os braços e outro haveria de vesti-lo e levá-lo para onde não quisesse. Esta tão nobre vida impele e eleva o espírito humano a uma certa união que é superior a toda a

^a Gl 2,20.

^b Jo 21,18.

razão, com uma natureza divina absolutamente simples; e une semelhante ao semelhante, a luz da alma à luz divina, àquilo que está acima de toda a natureza.

Em segundo lugar, existe a vida média que, apesar de inferior em dignidade, força e poder em relação à primeira, se situa a meio da alma. Quando a alma se afasta um pouco da vida celeste e divina, separando-se daquela admirável união com o espírito, regressa a si mesma e estabelece a razão e a ciência como senhoras e mestras no exercício das suas funções, para que tudo o que se faça, seja feito segundo os ditames da razão. A alma que participa desta vida contempla muitas coisas, examina-as profundamente através do pensamento e da reflexão, observa as várias mudanças das formas e tenta representá-las através da imitação. Isto porque apreende a natureza singular e simples de cada uma dessas coisas, que são somente percebidas pelo intelecto. E sendo isto único dos homens entre todos os seres animados, justamente por isso apodamos a vida média de *humana*.

Por fim, existe a vida última, que é de longe a mais obscura em relações às superiores. Quando a alma cai da cidadela da razão, vai unir-se às faculdades inferiores da alma e, conspirando com elas, opera através de visões, a que os Gregos chamam de φαντασία, e de sensações irracionais. Porque estas se encontram em todos os seres animados, não sendo específicas dos homens, podemos dizer que esta vida é comum tanto a nós como aos animais, por estar repleta de tudo o que é inferior.

*A divisão da
poesia segundo
o modo tríplice
da vida.*

Uma vez que este modo tríplice da vida se observa nas almas, pela mesma ordem se constitui a divisão da poesia.

Tal como multiformes e diversas são as vidas das almas, a poesia, que procede do Altíssimo, divide-se em vários tipos consoante a sua função: o primeiro, o médio e o último.

A primeira poesia, absoluta e excelentíssima, abunda em qualidades divinas. Constitui um certo furor divino, melhor que a sanidade mental, que é inspirado nos homens e que enche a alma de harmonia divina. Tal como da verdade divina resulta a profecia, pela qual os homens, por via de uma dádiva divina, prevêm e antecipam o futuro, e tal como da beleza e daquela admirável efigie da natureza divina resulta aquele amor excelente, que excitou muitos homens a ponto de desdenharem honras, poder, perdas de propriedade, tormentos corporais, torturas terríveis e até a própria morte, assim também compreendemos que esta suprema poesia resulta dessa admirável harmonia que supera toda a reflexão, estabelecendo uma espécie de pacto divino. Uma vez nada há mais proporcional, nem mais harmonioso, nem sob todos os aspectos mais concordante e consonante do que Deus, aquele furor foi conferido aos homens, para que, através da imitação, pudessem alcançar parte da Sua suprema harmonia. Daí surgiram os versos, daí o ritmo da poesia, com os quais a poesia divina adornou os últimos fins do seu dom. Na harmonia e na concordância das sílabas longas e breves, parece iluminar-se uma semelhança não pequena da harmonia divina. Esta

Harmonia divina.

Profecia resulta da verdade divina.

Amor excelente.

Deus.

excelente e divina poesia enche a alma com Deus como criador de todas as coisas. Através de uma união admirável e invisível, une aquele que é inspirado com aquele que o inspira, além de subjugar a alma, sem recorrer à matéria e ao contacto físico, ao poder de Deus, para que desta forma seja iluminada. Além disso, convida e atrai Deus, para que Ele possa comunicar a Sua luz à alma que se oferece e, através dos canais convergentes do fogo eterno, compor obras segundo a profecia. Esta poesia, através de um vínculo comum, une aquilo que participa com aquilo do qual participa, e através de uma certa mistura que faz um a partir de dois, transfere o inferior para o superior, fazendo com que apenas o divino possa operar; já o inferior submete e oculta a sua natureza no superior. Assim, nada é discernido na alma a não ser o que é celeste e divino.

Vejamos agora o que Platão escreveu acerca deste tipo de poesia. No *Fedro*, Sócrates, depois de tratar os dois tipos de loucura que são a profecia e o amor, declara: «O terceiro tipo, diz ele, é um furor e uma ocupação da mente que procedem das Musas. Encontrando uma alma dócil e suave, excita-a e desvia-a da razão e da deliberação, tornando-a inacessível. Depois, adornando-a com o canto e com as outras qualidades da poesia, instrui e educa as futuras gerações acerca dos feitos incontáveis dos filósofos naturais». Em poucas palavras, dá a ver sucintamente quase toda a natureza desta poesia excelente e divina, que vale a pena agora explicar com mais atenção.

Ele explica desde logo a principal causa eficiente desta poesia divina, que nos diz ser uma dádiva das Musas.

*Natureza da
poesia divina.*

Com estas palavras, quer acreditasse que as Musas tivessem sido deusas, quer pretendesse mostrar a sua influência e poder divino em tom coloquial, declarou inequivocamente que esta poesia é outorgada aos homens como uma espécie de dádiva divina. Pois tal como Deus dotou tudo o que fez de dimensões proporcionais, de harmonia, assim também gera nas almas por si ocupadas aquela poesia divina, na qual brilha um vestígio claro da concórdia e da harmonia divinas.

Depois diz que se trata de um furor e de uma ocupação da mente. De facto, a força daquele que é iluminado reside na presença divina, ao passo que aquilo que é iluminado se entrega aos impulsos dali procedentes. Desviado e alienado dos seus hábitos, torna-se sujeito da vontade divina e de semelhantes efeitos. Daí falar em ocupação da mente, uma vez que Deus detém e apodera-se em absoluto daquele que é movido. Por outro lado, dá o nome de *loucura*, uma vez que o desvia das suas funções e transfere aquele que é iluminado para a sua própria natureza.

De seguida, ensina-nos que a alma, que deve ser possuída por um espírito divino, precisa de ser tenra e suave, e ao mesmo tempo sublime, imponente e inacessível. Pois uma alma endurecida, que não saiba ceder, que rejeite toda a sua potência e acção devido a uma certa dureza, que não se submeta com facilidade à iluminação divina, obstinadamente resiste a essa vontade divina que procura possuir a

mente. Está mais entregue a si mesma do que àquele que a ilumina, nem pode ser facilmente moldada nem enformada pela sua dádiva e recompensa. Além disso, uma mente preocupada com todo o tipo de opiniões e distraída com pensamentos alheios, separada da divindade, obscurece e obnubila a inspiração divina, por misturar os deveres e funções da sua vida com todas aquelas impressões. Por esse motivo, é necessário que a alma destinada a submeter-se ao poder de Deus possua ambas as qualidades: que seja tenra e suave, e ao mesmo tempo sublime e inacessível. Através da suavidade consegue facilmente receber as impressões divinas e conformar-se perfeitamente a elas. Por outro lado, através do sublime afastar-se-á de tal maneira de tudo o resto que não será afectada ou transformada, por não ser capaz de as receber nem de se unir a elas. Através da suavidade orientar-se-á com facilidade para o melhor. Através do sublime dificilmente cairá no pior.

Em seguida, expõe a sua função e dever: «excita-a, diz, e desvia-a da razão e da deliberação». Aqui reside o efeito comum do entusiasmo divino, isto é, do ímpeto fácil, pronto e inspirado da alma. Refiro-me tanto àquele que ilumina quanto àquele que é iluminado: o primeiro impele e faz mover a partir do céu, o segundo oferece-se para receber o seu dom. É uma espécie de entusiasmo e ardor incansável, uma conversão ao poder divino.

Finalmente, diz-nos que a sua finalidade é adornar os gloriosos feitos dos antigos, e através deles instruir as futuras gerações. Daí ser evidente que as acções humanas se tornam mais perfeitas e

Como deve ser a alma destinada a ser iluminada pelo divino.

A poesia oferece conhecimento e educação.

luminosas através da inspiração divina, e que deste tipo de poesia resulta o verdadeiro conhecimento e educação, se se escutar aquele que a transmite. Por isso, está muito longe da verdade achar que o divino filósofo remova da poesia o poder de educar e formar.

Quase todos os profetas sagrados, cujas obras possuímos na Sagrada Escritura, praticaram este tipo de poesia. Uns previram muitas coisas acerca do futuro, outros muitas coisas desvelaram aos mortais acerca de Deus e dos assuntos celestes, outros celebraram feitos notáveis, outros orientaram os homens, por via de avisos divinos, para a religião e para a virtude, outros afastaram-nos dos vícios. Estes autores fizeram tudo isto inspirados e movidos sob influência celeste, e com razão correspondem a este primeiro tipo de poesia. Se se ler com um pouco mais de atenção os seus versos, rapidamente os antepomos à poesia grega e latina. De facto, haverá algo mais brilhante, solene ou belo do que o poema onde Moisés escreveu acerca da destruição dos egípcios? Ou aquele outro poema que o mesmo profeta compôs para censurar o povo que foi ingrato para com os benefícios divinos? O que é que poderá ser mais esplêndido, magnífico ou admirável que a poesia de David? E nem sequer me refiro à grandeza e divindade dos seus assuntos, nos quais nenhum poeta grego ou latino se consegue comparar com ele. Refiro-me ao seu tipo de eloquência. Tão abundante é em palavras, tão denso na variedade dos pensamentos, que nada parecer poder ser,

Os profetas sagrados correspondem ao primeiro tipo de poesia.

A poesia dos profetas deve ser anteposta a todas as outras.

^a Ex. 7.5

ao mesmo tempo, mais copioso nem mais conciso. Tantas vezes transforma e varia as suas expressões, empregando todo o tipo de tropos, que é impossível acreditar que haja algo mais suave. Além disso, toda a sua poesia é adornada através de figuras de palavra e de pensamento, através de tantos ornamentos, que o leitor julgaria que todos os recursos retóricos foram usados na sua composição. A própria tradução latina o evidencia, e, apesar de não preservar o verso e apenas conservar uma pequena parte dos ornamentos originais, ainda assim transmite uma certa grandeza e dignidade. E para referir outros exemplos, poderá algo ser mais sublime do que aquilo que escreveu o excelente profeta numa passagem sobre o curso do sol, «alegra-se, como um gigante, a percorrer o seu caminho», entre muitos outros? O que poderá ser mais abundante, perfeito ou solene do que aquela poesia que ele compôs para celebrar a sua força e poder divino com base na grandeza das obras que Deus fez? Se a isto se juntasse o brilho das palavras e dos versos e a doçura do ritmo que a língua hebraica possui – ou melhor, se aquele excelente e divino poeta, que outrora compôs as suas obras na sua própria língua, fosse agora traduzi-las para latim ou grego, inspirado pelo mesmo espírito – então Homero, Virgílio, Píndaro e Horácio seriam ultrapassados. Todos os poetas gregos e latinos se confessariam derrotados e deixados para trás.

Estes são os verdadeiros intérpretes de Deus, através dos quais Ele revelou aos homens tanto os mistérios profundamente ocultados,

Sl. 19.6

Os poetas divinos e intérpretes de Deus.

bem como a Sua vontade. Estes são os pais da sabedoria, através dos quais a luz da sabedoria divina iluminou todas as nações. Estes são completamente livres e leves, alados e sagrados, apetrechados de dádivas celestes. Daquele mel que flui das fontes divinas, daqueles jardins e hortos de deleite celestial, trouxeram-nos poemas e harmonias. Atraídos pela influência divina como pela força de um íman, eles próprios atraíram, e ainda atraem hoje em dia, muitas almas para si mesmos. E como elos de uma longa e bem construída corrente, pendem suspensos de Deus.

Estes adornaram os feitos de homens notáveis para instruir a humanidade. Mas os jovens e os ignorantes devem ser mantidos à distância dessa divindade ao início, pois os seus ensinamentos estão envolvidos por muitos véus, por assim dizer, e precisam de ser explicados, para que os que estão a ser instruídos alcancem as suas verdades latentes.

Os antigos gregos e latinos não são capazes de apresentar nenhum poeta deste género. Nenhum de entre os antigos gregos e latinos escreveu sob inspiração divina. Com efeito, tal como se afastaram em grande medida da verdade no que diz respeito à religião, celebrando falsos e monstruosos deuses, assim também erraram gravemente por acreditarem que certos poetas compuseram poesia sobre assuntos sagrados sob inspiração divina.

Os poetas antigos.

Em primeiro lugar, houve as várias sibilas sobre as quais Lactâncio escreveu, que eram tidas como videntes sob influência de Apolo, por serem sacerdotisas. Virgílio descreve isto de forma assaz elegante no caso da sibila de Cumas, no canto quarto da *Eneida*. Mas tal como Apolo não era Deus, assim também as sibilas não intercederam por inspiração dos deuses, mas de espíritos malignos. Constantino Magno ^b di-lo de forma clara na sua oração em Roma sobre a defesa da fé cristã. Quanto aos livros sibilinos, que eram guardados no Capitólio em Roma, estavam repletos de superstições. Se estes estavam cheios de erros, é sacrilégio supor que os poemas por eles legados foram compostos sob inspiração divina. Quanto à sibila de Eritreia ter profetizado sobre Cristo, tal como Santo Agostinho ^a relata, atribuo-o em exclusivo à intervenção divina. Por ter vivido de forma casta e preservado a sua virgindade, Deus, na sua bondade e generosidade, teve-a como digna desta honra, dando-lhe a possibilidade de profetizar sobre o salvador da humanidade. Além disso, os antigos atribuíram os hinos de Orfeu e Homero ao mesmo género, mas vemos que estão cheios de erros e não devem ser atribuídos à inspiração divina. O mesmo acontece com outros poetas que os antigos, ignorantes da verdadeira religião, julgavam terem praticado este tipo de poesia. Quanto a mim, o seu pecado é ainda mais grave, pois aplicaram a todos os poetas aquilo que é próprio de poucos, declarando não haver nenhum que não fosse divinamente inspirado na composição dos versos. Daí os versos de Ovídio:

As várias sibilas.

^a *Lactant. Div. inst.*
6.6

^b *Vd. Euseb. Vit.*
Const. 19

^a *August. De civ.*
D. 18.23

há em nós um deus, que quando se agita nos acalenta¹

essa inspiração advém de celestes moradas²

chamam aos poetas sagrados, adorados pelos deuses,
havendo ainda os que julgam que possuímos inspiração divina.³

E noutro local:

este impulso planta as sementes da inspiração⁴

Donde aquela famosa frase de Cícero em defesa do poeta A. Licínio Árquias: «os outros estudos dependem do ensino, dos preceitos e da teoria, mas o poeta vale pela sua própria natureza, sendo estimulado pelas faculdades mentais, e como que inspirado por um sopro divino. Por esta razão, Énio justamente apodou os poetas de sagrados, uma vez que parece lhes ter sido concedidas uma dádiva e uma recompensa dos deuses»⁵. Eis que nada restou a não ser a inspiração divina penetrar as mentes dos homens ignorantes e

O poeta vale pela sua natureza; os outros estudos pelo ensino, pelos preceitos e pela teoria.

Énio apoda os poetas de sagrados.

¹ Ov. *Fast.* 6.1.5.

² Ov. *Ars am.* 3.550.

³ Ov. *Am.* 3.9.17-18.

⁴ Ov. *Fast.* 6.1.6.

⁵ Cic. *Arch.* 18.

perversos. Deste erro resultou outra noção ainda mais absurda, a de que para se ser um bom poeta é preciso estar furioso, louco ou apaixonado, noção que Horácio troça na *Arte Poética*:

acreditando Demócrito que mais valia o engenho
que a pobre arte, expulsou do Hélicon os sensatos poetas;
agora, grande parte deles não se preocupa com as unhas,
nem com a barba, sempre à procura de lugares desertos, evitando os
[balneários.
Assim, granjeará a reputação e o nome de poeta
aquele que jamais confiar ao barbeiro Licínio
uma cabeça que três Antíciras mal conseguirão curar.⁶

Além disso, há quem tenha ido mais longe neste erro, degenerando numa insensatez tão grande que se chegou a declarar que a natureza e o furor poéticos provinham do vinho, como se se compusesse não por inspiração divina, mas como se se fosse excitado para compor poesia por se estar saturado de muito vinho. Daí o que escreve Horácio na primeira epístola do livro primeiro, dedicada a Mecenas:

Se acreditares, sábio Mecenas, no velho Cratino,
não haverá poemas que agradem e sobrevivam ao tempo
compostos pelos que apenas bebem água. Assim que Líber
alistou esses delirantes poetas entre os Sátiros e os Faunos,
as doces Camenas começaram a sentir o cheiro a vinho logo pela manhã.
Pelos louvores percebemos que Homero apreciava o vinho,
e o próprio pai Ênio jamais se propôs cantar a guerra, se antes não
tivesse bebido. «Darei aos sóbrios o Fórum
e o poço de Libão, proibirei os austeros de cantar»,
assim decretei, e jamais cessaram os poetas

⁶ Hor. *Ars* 295-301.

de competir na embriaguez nocturna, fedendo no dia seguinte.⁷

No entanto, nem Demócrito, nem Platão, nem outros avisados autores, pretendiam que o poeta delirasse ou fosse levado pela loucura devido a um defeito ou vício da natureza. Horácio correctamente escreveu que «a sabedoria é o princípio e a fonte de escrever bem»⁸. Mas a verdade é que um certo ímpeto natural da alma e velozes movimentos do engenho são necessários a todos os poetas. Aquele que delira entre sádios deve ser logo atirado para debaixo de correntes, ao invés de ser tido entre os bons poetas. Mas se delira sob inspiração divina, todos confessarão que é melhor delirar desta forma a ser-se sábio. Uma vez que o vulgo deu a todos o nome de poeta, acontece que até os poetas foram chamados de profetas, ainda que esse título apenas pertencesse aos que prediziam eventos futuros.

A segunda espécie de poesia, inferior em muitos aspectos, tem o seu lugar próprio no plano da intelecção, pois conhece a natureza das coisas, deleita-se com nobres feitos e com palavras, e adequa o assunto ao ritmo. Muitas obras de bons poetas destacam-se aqui, pois abundam em excelentes conselhos e advertências e levam todos aqueles dotados de boa natureza a comungarem com a virtude. Assim foi a poesia de Tirteu, Teógnis Sículo, Empédocles, Nicandro e Lucrécio Caro.

⁷ Hor. *Ep.* 1.19.1-11.

⁸ Hor. *Ars* 309.

Diferem os profetas dos poetas.

A segunda espécie de poesia.

A terceira espécie de poesia.

Por fim, a terceira e última espécie de poesia, de longe a mais inferior em relação às superiores, a mais obscura e ignóbil por estar presa a opiniões e aparências, alcança-se através da imitação e não é, nem se diz ser, outra coisa senão uma certa agitação. A *Poética* de Aristóteles foi escrita acerca deste tipo inferior de poesia, tal como em grande parte a de Horácio. Há um tipo de imitação que é verdadeiro e exacto, representando cada coisa tal como é; há outro, falso e fictício, que exprime cada coisa não tal como é, mas como aparenta ser ou possa parecer a muitos.

Daqui resulta um tipo de poesia que, baseado em opiniões verdadeiras, apresenta uma representação autêntica e precisa das coisas, e está perfeitamente adaptado para imitar a verdade. Já o segundo tipo, que segue apenas o que parece ou aparenta ser, põe diante dos nossos olhos não uma representação verdadeira, mas uma certa aparência simulada da representação, e está perfeitamente adaptado para provocar prazer. O primeiro nada muda ao representar, ao passo que o segundo magnifica pequenos defeitos, refresca o auditório por via de artifícios verbais e variações melódicas, transforma as emoções dos homens e a natureza das coisas, uma vez que as representa não como são, mas como possam ser. Esta imitação constitui uma espécie de dissimulação e não uma subtil compreensão da realidade.

Estes três tipos de poesia podem ser encontrados nas obras de Platão: o primeiro, o do furor divino; o segundo, o do conhecimento; o terceiro, o da imitação. Quanto ao primeiro, muito sobre ele se diz no *Fedro* e no *Íon*; quanto ao segundo, nas *Leis* e no *Alcibiades*; quanto ao terceiro, na *República*. Platão não só aprova o primeiro e o segundo tipos, mas também os elogia admiravelmente. Não rejeita a primeira parte do terceiro tipo, mas censura a sua segunda parte no Livro X da *República*, expulsando-o em absoluto da cidade. A finalidade do primeiro e do segundo tipos de poesia é a instrução dos homens, a do terceiro tipo é o prazer.

Estas reflexões, meu Padre, são as que outrora expus aos meus discípulos acerca dos tipos de poesia. Se tu, que produzes obras de qualidade superior, as aprovares, confirmas que eu não estava errado em extrair estas ideias dos antigos, por serem dignas, segundo o teu juízo, de se oferecerem aos amantes de poesia. Porque voas mais alto e porventura meditas em algo mais excelente e divino do que o primeiro tipo de poesia, esperamos grandes coisas vindas de ti, por ser mais fácil para homens como tu, que perscrutam os mistérios divinos, revelarem ao vulgo o que está escondido e oculto, do que para nós compreendê-las com pensamento e reflexão. Recordate que coligi estas reflexões devido à devoção e ao desejo de te obedecer e não para ostentar o meu engenho. Que as julgues com justiça e bondade.

PRAESTANTISSIMI AC ERUDITISSIMI DOCTORIS
THOMAE CORRAEAE, LUSITANI, PRAECLARI ROMANAE
SAPIENTIAE GYMNASII DIGNISSIMI PROFESSORIS,
ORATIO IBIDEM HABITA DE ANTIQUITATE
DIGNITATEQUE POESIS ET POETARUM DIFFERENTIA.

*Ad reuerendum admodum P. F. Ludouicum S. Francisci,
Lusitanum Olysiptonensem, Minoritanum Prouin. S. Iacobi Regul.
Obs.*

Petis, Religiosissime Pater, et iam quasi tuo iure exigis, quod tibi
deberi merito asseris. Nam cum ad auditores meos tertias Nonas
Nouembris in Romano Gymnasio quid de poeticae generibus
sentirem exposuissem, felici quodam meo euentu magis quam quod
in rem tuam esse putares, ad cohonestandum hominem tibi de

nomine solum notum accurristi. Interfuisti rudi et impolito sermone, praelectionem quandam pronuntiasti, ut tuam humanitatem indicares, postulasti ut tibi eadem scriptis traderem. Distuli quoad potui, subterfugi quantum aut mea modestia, aut tua grauitas tulit. Nunc cum quasi tabellis obsignatis agas mecum, standum mihi promissis necesse est uideo, si ab officio discedere nolo.

Sed, heus tu, mi Pater, non istaec ad antiquae eloquentiae leges exigas, unde emanent etiam atque etiam uide. Nam, etsi inuitus, fatebor tamen, is sum qui, etsi ardenti studio et inflammato desiderio ad eloquentiam contendam, uix in tabulas ciuitatis Romanae irrepere et nomen sussurari possum; ut si tenui et abiecto stilo rem perpendas, iniuriam arti nobilissimae facias, qui dicentis oratione potius, quam rei dignitate ista examines. Post repam tamen tuis auribus, et ne abicere pudorem uidear, ero bene et gnauiter impudens, qui sus Mineruam. Sed tu ita postulas. Ad quid ego tibi petenti, uel etiam efflagitasti, uel amicitiae iura obtestanti denegem? Agam igitur paene eisdem uerbis quibus de tota poetica tum disserui, et agam morem gerendi magis studio quam quod noua tibi, aut inaudita, aut tua doctrina multiplici et uaria, digna me posse pro ferre sperem.

Est poetica dignitate maior, quam homines opinantur; nobilitate aut omnibus artibus par et aequalis, aut si recte ratiocinemur omnium artium praestantiam iure suo complectitur. Nam poetica fuit antiquissima et prima philosophia, ut quos Dei uocem audiuisset,

*Poesis
antiquitas.*

abdita et recondita diuino instinctu caeteris indicasse, accepimus, eosdem studio poeticae deditos fuisse fateamur.

Illa enim multa a populari intelligentia remota ita comprehendit, ut quibusdam integumentis et inuolucris hominum animos a rerum abiectarum curis euehat ad egregios mores, ueram religionem, excellentem doctrinam, diuinam cognitionem transferat. Nam cum numero sensa mentis efferre doceat, numerus uero ordinem spectet, ordo ab uno Deo promanet, a Deo hominibus concessam fuisse poeticam omnes ueteres censuerunt. Neque enim poetarum nomen in eos quadrat qui importuna et odiosa garrulitate ita passem perstrepunt recitandis inconditis uersibus, ut uel in numero carminum, uel in facilitate componendi poeticae excellentiam inesse existiment. Hominum inscitia sit, ut res humiles et abiectae praeclarae saepe numero existimentur, excellentes et egregiae parui pendantur. Qui cum ex ipsorum ingenio caeterorum studia metiantur, quae ipsis obscura, abdita reconditaque, sunt eadem caeteris ita uideri opinantur. Et quae ipsi neque assequuntur neque intelligunt ea caeteros ignorare arbitrantur.

Diuinus Plato poetas uocat ἐρμηνέας et ὑπηρέτας, hoc est, deorum ministros et interpretes, quod illa mysteria et arcana poetarum inuolucris inuoluta per poetas hominum generi indicata, non nisi quaedam salutaria oracula sint iudicanda. Vt si longius in omnem antiquitatem prospicere uelimus omnem veterum

philosophiam Orpheo, Thaleti Milessio, Xenophanti, Parmenidi, Periandro, Pitaco, Cleobulo, Phocylidi, Pythagorae, Mimnermo, ceterisque antiquissimis poetis acceptam ferre debeamus. Nam illi ne communis omnibus esset res tanta, ac tam eximia tectis et occultis fabularum technis omnia obuallarunt et inuoluerunt, ut sub ea forma et specie res eximiae delitescerent, quae remotis figmentis ad omnes uirtutes homines informarent. Non fuerunt tam amentes quos omnis antiquitas sapientissimos iudicauit, ut Sirenes fuisse aliquando, Harpias, Hydram, Porcum Erymanthium, Nemaenum Leonem et alia id generis existemarent. Voluptates illecebrarum lenociniis, homines remorari, uitia omnia inficere, serpere latius peccandi consuetudinem, ad omnem turpitudinem procliuem esse hominum naturam indicare uoluerunt. Sed ingrediar in campum latissimum, in quo excurrere et euagari posset oratio, uix ut ullum exitum inueniret, si poetarum institutum persequi, mysteria aperire, arcana omnia euoluere uellem.

Nonnulla tamen de poeticae generibus ita perstringam, ut ad optimam disciplinam illi sese dare intelligant qui poeticam amplectuntur. Res erit hausta ex altissimis Platonis, Procli fontibus, digna auribus eruditae, omnibus utilis et iucunda, ut spero, futura.

Triplex est animi humani uita in hoc corpore hebeti et tardo commorantis.

Triplex uita.

Vna prima et summa, altera ultima et extrema, tertia inter utraque interiecta et media. Prima caelestis est planeque diuina, extrema hominibus cum bestiis communis, media humana, id est propria hominum, cum ad bestias pertinere non possit.

Prima et praestantissima animi uita est, cum ille abstractus a sensibus corporis et aliis omnibus facultatibus inferioribus, auocatus ab humana ratione, consilio et prudentia, copulatur cum Deo et degit uitam quandam illius cognitioni proximam, et ob summam similitudinem prope eandem, totusque a diuino nutu atque praescripto regitur, temperatur, fingitur. Itaque iam non idem ipse uiuere, sed in ipso unus uiuere uidetur Deus. Meministis illam D. Pauli ^a uocem: «uiuo ego, iam non ego, uiuit uero in me Christus». Peruenerat ille uidelicet ad hoc supremum uitae genus, ut nihil iam omnino retineret suum, nihil in eo, nisi numen diuinum cerneretur. Hoc modo qui uiuunt non sunt iam sui iuris, ac mancipii, sed toti permissi et traditi diuinae potestati, et quod agunt, non tam ipsi agere uidentur, quam per ipsos Deus, cuius instinctum sequuntur ducem. Egregie Christus Optimus Maximus hanc egregiae uitae excellentisque uim declarasse et expresisse ^b D. Petro uidetur, cum dixit quandiu quidem iunior fuisset, ipsum se cingere solitum et ire licuisse quolibet; cum autem senuisset, futurum ut extenderet ipse manus suas se seque praeberet, ut ab alio cingeretur et diueheretur quo minime fortasse uellet. Haec nobilissima uita excitat erigitque animum humanum ad quandam omni ratione superiorem coniunctionem, plane simplicis naturae diuinae, et simile cum simili

^b *1oa. 21.18*

componit, lumen animi cum diuino lumine, cum eo quod est supra omnem naturam.

Altero uero uita superiore cum dignitate, tum ui et potestate inferior, media in medio animo sita est, cum animus ab illa caelesti et diuina uita quasi discedens paululumque ab illa mirabili numinis coniunctione semotus ad se ipsum redit et mentem ac scientiam proponit quasi magistram et dominam functioni munerum suorum, ut quidquid fiat, fiat ex praescripto rationis. Hac uita qui fruitor animus multa commentatur, multa animo et cogitatione pertractat, intuetur uarias formarum commutationes, imitando effingere conatur, quippe qui unam et simplicem eorum, quae sola cogitatione cernitur, naturam comprehendat. Quae cum inter omnes animantes sint propria hominum, merito hanc mediam uitam appellamus humanam.

Extrema tandem uita superioribus longe obscurior est, cum animus ab arce illa rationis quasi delapsus inferioribus animi facultatibus se coniungit, cum illisque conspirans una munere suo fungitur, uisionibus, quas φαντασίας Graeci uocant, et sensibus ratione carentibus ad id utens. Quae cum in animantibus ceteris reperiantur, nec sint propria hominum, uere uitam hanc nobis cum bestiis communem esse diximus, quae rebus omnino deterioribus referta et cumulata est.

Cum igitur in animis haec triplex uitae forma spectetur, eodem ordine poeticae constituitur partitio.

*Poeticae partitio
iuxta triplicem
uitae formam.*

Nam poetica, ut multiformes et diuersae animorum uitae, a summo profecta distribuitur in uaria genera functionis: primum, medium, extremum.

Prima poetica summa et praestantissima plena est diuinorum bonorum. Est autem illa furor quidam diuinus hominibus afflatus, mentis sanitate praestantior, qui diuina conuenientia animum caelesti numine afflatum complet. Nam ut ex diuina ueritate existit diuinatio, qua interdum homines diuino beneficio quid sit futurum et praeuident et praedicunt, a pulchritudine autem et illa mirabili quasi specie diuinae naturae diriuatur amor ille excellens, quo inflammati multi facile et honores, et imperia, et rei familiaris iacturam, et corporis dolores acerbissimosque cruciatus, mortem denique ipsam contempserunt, sic ab admiranda omnem cogitationem uincente conuenientia et quasi consensu illo diuino poeticam hanc praestante moriri intelligimus. Cum enim nihil sit tam undique quasi commensum, nec tam conueniens, nec tam ex omni parte consentiens et consonans, quam Deus, immittitur hominibus ab illo furor, quo aliquam illius tantae conuenientiae partem assequi possint imitando. Hinc uersus, hinc numeri poetici extiterunt, quibus poetica diuina sui muneris extremas functiones adornauit, quorum in concentu et longitudinum omnium ac breuitatum consensione mirifica non exigua uidetur elucere similitudo conuenientiae diuinae. Haec praestans diuinaque poetica Deo rerum auctore complet animum, et mirabili quadam coniunctione et abdita, copulat quod completur cum eo, quod complet atque animum quidem sine ulla

Deus.

*Diuinatio ex
diuina ueritate.*

Amor excellens.

materia et sine tactu sub Dei subdit potestatem, ut illustretur. Deum autem inuitat et allicit, ut cum animo se praebente communicet lucem suam, confluentibusque sistulis ignis perennis opera ex oraculo componit. Haec communi quodam uinculo nectit quod participat cum eo unde participat, et quaedam unum ex utroque faciente mistura, quod deterius est in id quod est potius transfundit, efficitque ut id solum quod est diuinius munere fungatur suo, inferiore parte cedente et in ea quae potior est occultante uim suam, ut nihil fere iam in animo cernatur, nisi caeleste, atque diuinum.

Audi modo quid Plato scriptum fecerit de hoc genere poeticae. Socrates in Phaedro postquam de diuinatione et de amore duobus furoribus uerba facit: «Tertia, inquit, est a Musis profecta mentis occupatio et furor, qui nactus mollem, et tenerum animum, et inaccessum eum concitat, et a mente consilioque deducit, et tum cantu, tum ceteris poeseos partibus exornans sexcenta physicorum facta erudit et instituit posteros». His ille paucis uerbis omnem prope uim excellentis diuinaeque poeticae breuiter expressit, quae diligentius explanare libet.

Primum explicat praecipuam causam efficientem huius poeticae diuinae, quam, ait, esse Musarum donum.

Quibus uerbis, siue Musas omnino Deas esse credidit, siue cum uulgo loquens uim tantum significare uoluit numenque diuinum, certe caelesti munere hanc poeticam hominibus dari declarauit. Nam

*Poeticae diuinae
uis.*

Deus, ut rebus caeteris a se perfectis tribuit concentum quemdam et numerosas dimensiones, sic etiam in animis a se occupatis gignit illam poeticam diuinam, in qua elucet uestigium quoddam non obscurum illius consensionis et conuenientiae diuinae.

Deinde mentis occupationem et furorem uocat; omnis uero uis eius qui illustratur posita est in praesentia diuina, quod autem illustratur se praebet impulsionibus inde profectis, a suisque moribus alienatum et abstractum subiectum est numinis diuini, et sui similis effectiois, et ideo uocat mentis occupationem, qua Deus occupat et in sua potestate habet omnino quae impelluntur, furorem autem nominat quoniam aufert a suis functionibus et ad suam uim transfert, quae illustrantur.

Tum docet illum animum, qui sit a numine caelesti occupandum, cum tenerum ac mollem, tum alte exaggeratum, erectum et inaccessum esse oportere. Animus enim durus et nihil cedens omnemque uim et impressionem soliditate reiciens, nec se facile praebens illustrationi diuinae, aduersatur maxime instinctui diuino mentem occupare conanti. Nam sui iuris magis est, quam eius qui illustrat, nec facile illius munere ac dono, figurari conformarique potest. Mens porro ab aliis cuiusque generis opinionibus occupata et uariis atque alienis cogitationibus, a diuinitate distincta, numinis afflatum obscurat et obruit propterea, quod cum impressionibus illius coniungit propria uitae munia suasque functiones. Quare necesse est utrumque iam antea habere illum animum, qui sit futurus in Dei potestate, utque mollis tenerque sit, altus atque inaccessus.

*Animus diuinis
illustrandus qualis
esse debeat.*

Mollitudine namque facile poterit accipere diuinas impressiones illisque penitus conformabitur, altitudine autem sic erit ab aliis rebus alienus, ut iis affici aut commutari nequeat, cum neque eas accipere ualeat, nec cum illis commisceri. Mollitudine facile ad meliora flectitur, altitudine difficiliter ad deteriora abicitur.

Exponit postea munus et officium: excitat, inquit, a mente consilioque deducit. Hic communis est animi facilis et prompti instinctusque diuini effectus furoris. Eius, inquam, quod illustrat, et eius quod illustratur, illius quidem superne impellentis et mouentis, huius autem se praebentis ad accipiendum illius donum. Est autem concitatio quaedam et contentio minime flexibilis et conuersio ad diuinum numen.

Tandem finem extremum, ait, esse ornare praeclara ueterum facinora et illis erudire posteros. Exquo perspicitur et humana perfectiora, et illustriora fieri diuinis, et ex hoc genere poeticae ueram disciplinam, et institutionem existere, siquis ei sit audiens dicto. Multumque abesse ut ille diuinus philosophus adimat poeticae uim erudiendi et instituendi.

In hoc genere poeticae uersati sunt omnes fere illi sacri uates, quorum monumenta in sacris litteris habemus, qui partim futura multa praedixerunt, partim de Deo rebusque celestibus multa mortalibus aperuerunt, partim excellentia facta exornarunt, partim monitis diuinis ad religionem ceterasque uirtutes adhortati sunt, partim a uitiis deterruerunt. Quae omnia illi afflati et instincti caelesti

*Poetica ueram
disciplinam et
institutionem dat.*

*Vates sacri ad
primum poeticae
genus referuntur.*

*Carmina
prophetarum aliis
anteponenda.*

^a Exod. 7.5

numine fecerunt et merito ad hoc primum poeticae genus referuntur. Quorum uersus qui paulo attentius legerit, facile Graecorum et Latinorum carminibus anteponet. Quid enim illustrius, quid grauius, quid ornatius fieri potest illo carmine quod de internicione Aegyptiorum Moses ^a conscripsit? Aut illo quod idem uates composuit ad exprobanda ingrato populo beneficia diuina? Quid porro tam splendidum, tam magnificum, tam admirabile, quam carmina Daudidis? Nec uerto de magnitudine rerum et diuinitate loquor, quibus nullum Graecum, aut Latinum poetam cum illo conferendum omnes fatebuntur. De ipso genere eloquendi loquor. Ita uerbis abundat, ita creber est rerum frequentia, ut nihil nec copiosius, nec breuius fingi posse uideatur. Tam saepe uerba transfert et immutat et omnibus alius utitur tropis, ut nihil dulcius esse credas. Verborum autem sententiarumque luminibus et quasi insignibus ita totum distinguit carmen, ut omnia rhetorum myrotecia ad scribendum contulisse existimet qui legat. Declarat hoc interpretatio Latina, quae licet uersum non efficiat et modicam ornamentorum partem retineat, tamen nescio quid praefert amplitudinis et dignitatis. Atque ut cetera praeteream quid grandius excogitari potest, quam quod ille uates excellens quodam loco de solis conuersione scripsit: «exultauit ut gygas ad correndam uiam» et cetera? Quid uberius, quid plenius, quid grauius illo carmine quod ille ad commendandam uim potestatemque diuinam ex eorum quae Deus fecit magnitudine composuit? Quibus si quis adderet et splendorum uerborum, et uersus, et numeri suauitatem, quam habet Hebraeorum sermone, aut

Psal. 18.6

*Diuini poetae et
interpretes Dei qui.*

potius si idem ille uates egregius ac diuinus, ut illa quondam suo sermone composuit, sic nunc Latino Graecoque sermone eodem spiritu afflatus interpretaretur, caederent Homeri, Vergilii, Pindari, Horatii. Omnes Graeci Latinique poetae se uictos et longo interuallo relictos fatentur.

Hi uere sunt interpretes Dei, per quos ille hominibus et res multas penitus abditas, et quid fieri uellet, denunciauit. Hi sunt parentes sapientiae, per quos diuinae sapientiae lumen omnibus gentibus illuxit, hi sunt plane expediti et leues, et volucres, et sacri, qui caelesti commendati dono ex fontibus diuinitatis melle fluentibus, et ex illis amoenitatis caelestis hortis, et saltibus carmina, et concentus ad nos detulerunt. Hi numine diuino tanquam ui magnetis attracti multos ipsi ad se traxerunt et quotidie trahunt, ac ueluti quadam longa et apta catena connexi pendent ex Deo.

Hi multa facinora praestantium uirorum ad homines instituendos exornarunt; ab horum diuinitate adolescentuli et in docti remouendi sunt, horum sententiae multis uelut integumentis inuolutae explicandae sunt, ut qui instituuntur latentem veritatem consequantur.

Antiqui uero et Graeci et Latini nullum huius generis poetam proferre possunt. Nemo enim Graecorum aut Latinorum ueterum instinctu diuino scripsit; uerum ut in summa religionis multum illi a ueritate aberrauerunt, et nescio quae Deorum monstra uenerabantur,

*Poetae ueteres
quales.*

Sibyllae multae.

^a lib. 6, cap. 6

sic in eo non mediocriter errarunt, qui poetas quosdam diuino numine afflatos carmina sua de diuinis rebus edidisse crediderunt.

Primum enim sibyllae multae floruerunt, de quibus Lactantius, ^a quas Apollinis inflatu futura praedixisse arbitrati sunt, cum eius essent sacerdotes. Describit rem totam elegantissime Virgilius in una sibylla Cumana in IV. Verum ut Apollo non erat Deus, sic Sibyllae non Deorum, sed malorum daemonum instinctu loquebantur. Declarat id Magnus Constantinus ^b in oratione, quam Romae habuit pro religione Christiana. Libri Sibillini, qui Romae in Capitolio asseruabantur, pleni erant superstitionum. Quae si plena sunt erroris, nefas est carmina ab iis tradita diuino instinctu composita suspicari. Nam quod aliqua de Christo quidpiam uaticinata sit, ut de Herythraea tradi D. Aug. ^a id numini diuino tribuo. Cum enim illa caste uirginitatem custodiret, Deus ut est bonus et munificus, eam hoc honore afficiendam esse statuit, ut aliquando de liberatore hominum uaticinaretur. Orphei praeterea et Homeri hymnos ad hoc genus referebant antiqui, quos tamen erroris refertos esse uidemus, nec diuino numini tribuendos. Huiusmodi sunt ceteri, quos ueteres ignari uerae religionis in hoc genere uersatos esse putarunt. Sed alium eorum peccatum grauius esse video. Nam quod paucorum poetarum est proprium, id illi ad omnes poetas transtulerunt, ut nullum esse dicerent, qui non diuinitus ad carmen componendum concitaretur. Hinc illa uox Nasonis:

est Deus in nobis, agitante calescimus illo,

^a uid. Euseb. De Constanti. oratione c. 19, pag. 310.

^a De ciuitate Dei lib. 18, cap. 23.

sedibus aethereis spiritus ille uenit.

*et sacri uates et Diuum cura uocamur;
sunt etiam qui nos numen habere putent.*

Et alibi:

impetus hic sacrae semina mentis habet.

Hinc illa Ciceronis pro A. Licinio Archia poeta sententia: «ceterarum rerum studia et doctrina et praeceptis et arte constare, poetam natura ipsa ualere, et mentis uiribus excitari, et quasi diuino quodam spiritu afflari, iure Ennium sanctos appellasse poetas, quod quasi diuino aliquo dono et munere commendati nobis esse uideantur».⁹ Scilicet nihil aliud reliquum erat, nisi ut in animos imperitorum et flagitiosorum caeleste numen illaberetur. Ab hoc errore alius magis ridiculus profluxit, ut qui bonus esset futurus poeta eum furiosum, insanum et amantem esse oporteret, quem facete Horatius in arte poetica irridet:

*ingenium misera quia fortunatius arte
credidit, exclusit sanos Helicone poetas
Democritus, bona pars non unguis ponere curat,
non barbam, secreta petit loca, balnea uitat.*

*Poetam natura
constare, alia
studia, doctrina et
arte.*

*Poetas sanctos
Ennius appellauit.*

⁹ Cic. Arch. 18.

*Nanciscetur enim pretium nomenque poetae,
si tribus Anticyris caput insanabile numquam
tonsoni Licinio commiserit. [...]*

Uterius etiam sunt errore progressi, atque eo dementiae deuenerunt, ut dicerent poeticam uim et furorem a uino promanare, ut non afflatu diuino componere putarentur, sed multo uino completi et saturi ad carmen excitarentur. Vnde Horatius epistola prima libri primi ad Maecenatem:

*Prisco si credas, Maecenas docte, Cratino,
nulla placere diu nec uiuere carmina possunt
quae scribuntur aquae potioribus. ut male sanos
adscripsit Liber Satyris Faunisque poetas,
uina fere dulces oluerunt mane Camenae.
Laudibus arguitur uini uinosus Homerus,
Ennius ipse pater, numquam nisi potus ad arma
prosiliit dicenda. «Forum Putealque Libonis
mandabo siccis, adimam cantare seueris»;
hoc simul edixit, non cessauere poetae
nocturno certare mero, putere diurno.*

Sed nec Democritus, nec Plato, aut alii uiri sapientes aliquo naturae morbo et uitio furere poetam et insanire uoluerunt, uereque scripsit Horatius «scribendi recte sapere est et principium et fons»¹⁰. Sed naturalem quemdam animi impetum et celeres ingenii motus omnibus poetis necessarios esse. Qui uero ita insanit inter sanos, in uincula potius coniciendus est, quam in numerum bonorum poetarum referendus uideatur. Quod si diuino instinctu ita furit, omnes ita furere multo esse satius confitebuntur, quam sapere. Sed

*Vates et poetae
differunt.*

¹⁰ Hor. *Ars* 309.

quia uulgus nomen omnibus adscripsit, inde factum est, ut poetae etiam uates dicerentur, cum id nomen solum eorum esset qui res futuras praedicerent.

Poeticae tertia species.

Altera poeticae species multis partibus inferior habet statum suum definitum intelligendi habitu, cognoscit naturam rerum et honeste factis, et dictis, delectatur, et res in numerum includit. Multa eiusmodi bonorum poetarum monumenta memorantur admonitis et consiliis optimis referta, et ad uirtutum communionem uocantia omnes bona praeditos natura. Talia fuerunt carmina Tyrtaei, Theognis Siculi, Empedoclis, Nicandri, Lucretii Cari.

Poeticae secunda species.

Tertia demum et extrema forma poeticae longe superioribus inferior, obscurior et ignobilior opinionibus et uisionibus coniuncta est. Haec imitatione perficitur, neque est, aut dicitur esse aliud, quam quaedam concitatio. De hoc extremo genere Aristotelis Ars Poetica est conscripta, et Horatii magna ex parte. Imitatio quaedam uera et recta quae talem unamquamque rem effingit, qualis ipsa est; altera simulata et ficta unamquamque rem exprimit, non qualis ipsa est, sed qualis uidetur, aut multitudini uideri potest.

Hinc existit una forma poeticae quae ueris de rebus opinionibus nixa est et germanam illarum, et expressam similitudinem proponens, tota ad imitationem ueritatis accommodatur. Altera quae sequens id tantum quod uidetur et apparet, non similitudinem ueram, sed quamdam simulatam speciem similitudinis ante oculos ponit, ac tota ad uoluptatem comparatur. Illa nihil immutat imitando, haec ad

ingentem magnitudinem extollit exigua mala, auditores uerborum genere et concentus uarietate recreat, commutat animos hominum et naturam rerum, quia non quales sunt, sed quales uideri possunt effingit imitando, cum sit adumbratio quaedam, non subtilis rerum cognitio.

Haec tria genera poeticae reperiuntur apud Platonem: primum furoris diuini, secundum scientiae, tertium imitationis. De primo multa tum in Phaetro, tum in Ione; de secundo in libro De Legibus et in Alcybiade; de tertio in libro De Republica. Primum ac secundum genus non approbat modo Plato, uerum etiam mirifice commendat; tertii generis priorem partem non improbat, posteriorem reprehendit in decimo De Republica et a sua ciuitate penitus excludit. Primi et secundi generis finis est hominum institutio. Tertii generis finis est uoluptas.

Haec, mi Pater, aut iis non dissimila sunt quae ego ad auditores meos retuli tunc, cum de generibus poeticae uerba facerem, quae si tibi meliora factitanti probantur, efficis, ut non iniuria haec ex ueteribus deprompsisse paeniteat, cum te arbitro digna esse uideantur, quae poeticam amantibus proponantur. Tu altius euolas et fortasse etiam primo genere praestantius aliquid et diuinius meditaris, nos eo potiora a te expectamus, quo facilius uobis diuina rimantibus licet abdita et recondita in uulgus proferre, quam nobis mente et cogitatione comprehendere. Sed memineris me haec obsequendi studio et morem gerendi desiderio reperiuisse, non ostentandi ingenii causa, omnia ergo aequibonique consules.